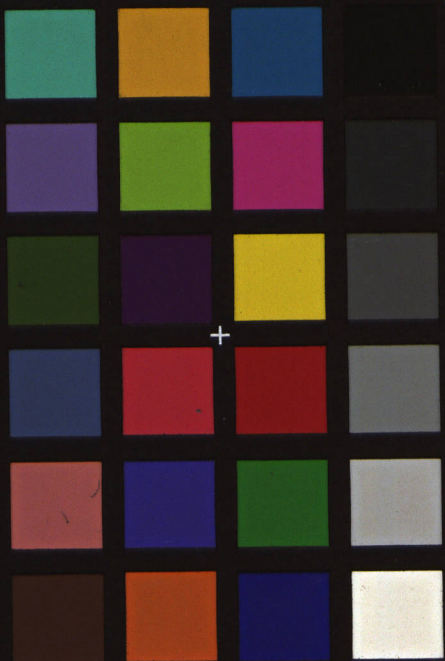


xrite

colorchecker CLASSIC



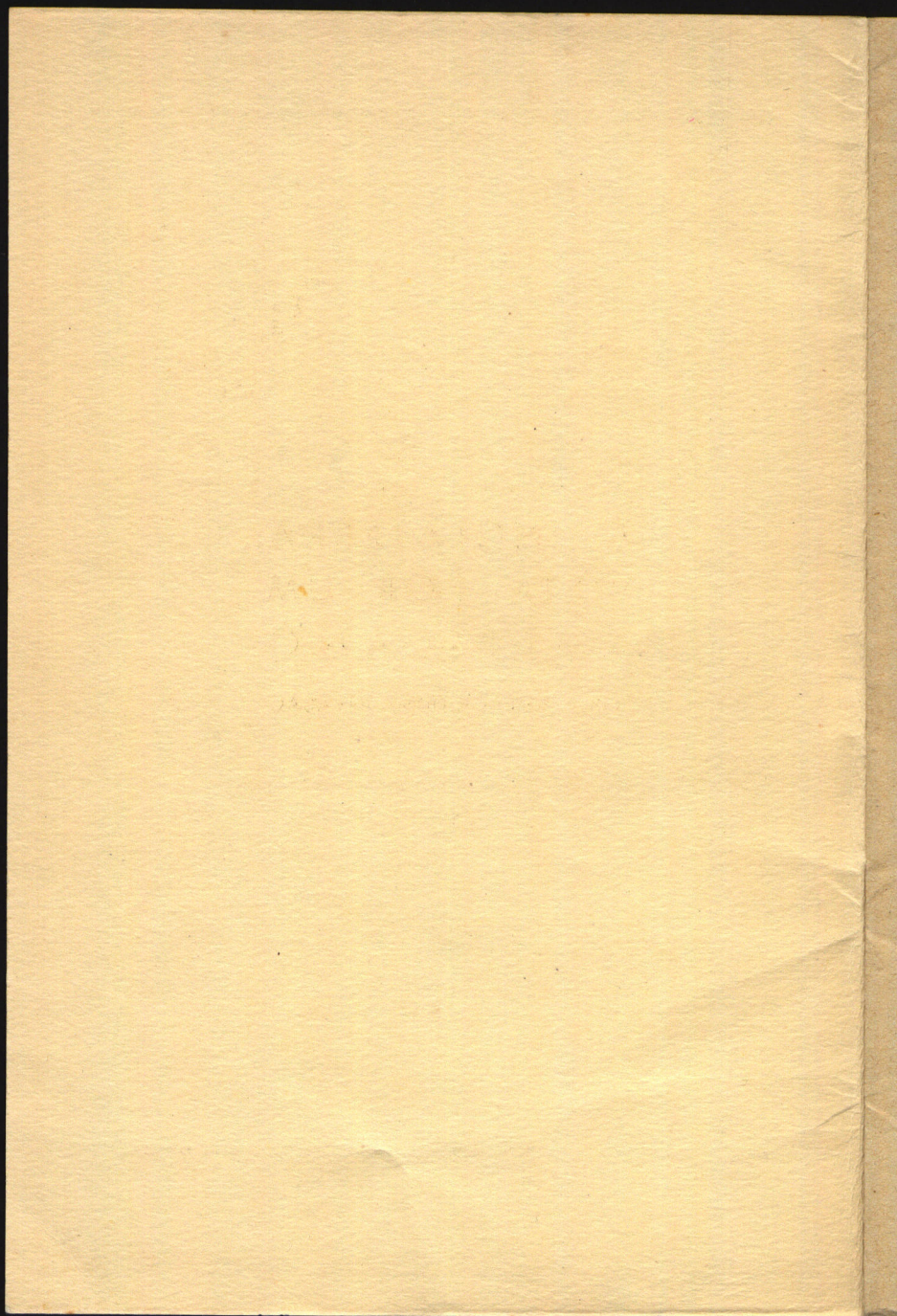
A INGLATERRA VISTA POR UM AMERICANO

SOB A AMEAÇA DUMA INVASÃO

pelo jornalista
WARREN IRVIN

(Rádio-difundido da B. B. C. de Londres
em 9 de Setembro de 1940)

LISBOA
1 9 4 0



A INGLATERRA
VISTA POR UM
AMERICANO
SOB A AMEAÇA DUMA INVASÃO

A BOUT
THE
AMERICAN
VISTA FORUM
A BOUT
THE
AMERICAN

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PT AHS-ICS-JAB-2-5
ARQUIVO DE HISTÓRIA SOCIAL

A Inglaterra Vista por um Americano

Sob a ameaça duma invasão

pelo jornalista
WARREN IRVIN

(Rádio-difundido da B. B. C. de Londres
em 9 de Setembro de 1940)

DEPOSITÁRIA :
LIVRARIA BERTRAND
LISBOA
1940



A Inglaterra

de um Americano

de um estudo sobre

de um estudo sobre

de um estudo sobre

de um estudo sobre

O Führer afirmou que os Nazis não desistiram do plano de invadirem a Grã-Bretanha. Apenas o adiaram.

Hitler pede que tenhamos paciência — mais tarde ou mais cedo os alemães virão. E a Deutschlandsender, agência de notícias, grita todos os dias que em breve se ajustarão as contas, que em breve a Inglaterra será aniquilada.

Pura tolice, indigna de consideração. A Inglaterra não corre o perigo de ficar aniquilada. Não é como a cidade de Jericó, na Bíblia, e por isso as trombetas nazis, por mais forte que toquem, não farão ruir as suas muralhas. Nunca a Inglaterra esteve tão unida como agora, tão serena, tão cheia de confiança. Se a invasão de facto fôr tentada, ela saberá repeli-la.

Quando cheguei a Londres há seis semanas confesso que tinha as minhas dúvidas. Observára de perto o funcionamento da grande máquina de guerra germânica e conhecia a sua fôrça. Mas sabia também que os êxitos

retumbantes que a Alemanha alcançara tinham sido devidos não tanto à sua fôrça como à fraqueza dos seus adversários.

A Alemanha venceu a França porque esta não tinha a resistência necessária e ainda por cima o seu esforço fôra muito comprometido pela traição política. Já na guerra anterior a França correra o mesmo perigo, mas encontrara então um homem forte que a salvara — Clemenceau, que não desanimou perante o insucesso, nunca se deu por vencido, e por fim triunfou sobre a traição e o derrotismo.

Se a França tivesse tido um dirigente da mesma categoria em 1940, não estaria hoje onde está. A Inglaterra, por outro lado, tem à sua testa um homem de ferro, que é Winston Churchill, chefe digno duma grande nação; figura que se tivesse chefiado os negócios políticos há seis anos teria, na minha opinião, evitado a eclosão da guerra. Pois se na altura de Munique a Inglaterra estivesse devidamente preparada — outro galo te cantaria!

Mas enfim, águas passadas não moem, e agora devemos preocupar do presente e do futuro. Pergunta-se se os ingleses poderão resistir a uma invasão alemã e com que meios. Não sou profeta, mas quero-me parecer que os ingleses poderão de facto resistir, por dois motivos principais e por inúmeros outros de ordem secundária.

Os dois argumentos primaciais são, claro está, a Ma-

rinha e a Real Fôrça Aérea. Até agora a primeira tem sofrido poucas perdas, em relação à difficil missão que tem desempenhado — o policiamento do oceano, a protecção das costas britânicas e das possessões no ultramar e o bloqueio dum litoral que se estende do Círculo Árctico até Gibraltar e daí pelo Mediterrâneo dentro até quasi aos Dardanelos. Como era natural, foram os contra-torpedeiros os barcos mais atingidos, mas estas perdas foram bem compensadas pelas unidades construídas já depois do comêço da guerra e pelos 50 *destroyers* cedidos pelos Estados Unidos. O poderio naval britânico, longe de ter diminuído, aumentou sensivelmente desde Setembro de 1939.

Vejamus agora a situação no ar. O efeito das duas armas está intimamente relacionado. Para poder operar com êxito a marinha precisa ter bases como a de Portsmouth e outras. Por isso os alemães procuram a todo o custo destruí-las por meio da sua aviação. Mas, pergunta-se, o inimigo conseguiu resultados apreciáveis? A esquadra inglesa porventura foi obrigada a abandonar êsses portos?

Últimamente tive ocasião de trocar impressões com vários jornalistas americanos que visitaram bases navais britânicas, e todos êles me disseram que os prejuízos infligidos pela aviação alemã, até agora, têm sido extraordinariamente pequenos e sem nexos. E dizem o mesmo das bases aéreas, se bem que reconhecem que algumas na costa do sul foram seriamente atingidas

pelas bombas alemãs. Creio no entanto que êstes prejuízos não são de monta, visto a Real Fôrça Aérea ter mais bases do que até os próprios ingleses imaginam. Por tôda a parte há campos para casos de emergência quando os aeródromos vulgares são batidos pelo fogo inimigo.

Agora que já presenciei várias batalhas aéreas sôbre a Inglaterra e sofri bombardeamentos aéreos quási diários, posso apreciar devidamente a alta fantasia das emissoras alemãs. O facto é que a aviação alemã não tem a perícia suficiente para dominar a Real Fôrça Aérea, que aliás é inferior em número. Verdade é que os alemães se gabam da supremacia do ar — mas de facto não a têm no ar como não a têm no mar.

Como é que os alemães então tencionam invadir as Ilhas Britânicas?

Quando eu estava em Berlim, alvitavam-se ataques simultâneos procedentes da Noruega, da Holanda, da Bélgica e da França. Transportes de grande velocidade trariam tropas da Noruega e talvez da Holanda. Ao mesmo tempo, centenas de pontões de pequeno calado, accionados por motores de aviação e blindados contra o fogo de metralhadoras saíam dos portos de França e lançar-se-iam sôbre a costa inglesa. Êstes *trenós marítimos* transportariam cada um 50 homens e teriam tão pouco deslocamento que poderiam passar facilmente sôbre os campos de minas.

Mais tarde correram outras notícias. Consta que sol-

dados alemães na fronteira suíça falavam duma invasão da Irlanda onde esperavam ser recebidos de braços abertos. Pelo que eu conheço dos irlandeses é mais provável que sejam recebidos à pedrada, ou até com projecteis mais mortíferos. Os irlandeses poderão não gostar dos ingleses, mas isso não significa que aceitariam de bom grado uma invasão de estranhos.

Todavia, sou de opinião que é pela Irlanda que os alemães procurarão invadir a Inglaterra e por isso aconselho aos meus amigos naquele país que estejam precavidos. Não desejo atribuir um valor exagerado à loquacidade dos militares alemães — mas é um facto curioso que os alemães, a-pesar-de tóda a sua organização, são indiscretos, e gabam-se de antemão daquilo que tencionam fazer.

É possível, por outro lado, que o ataque seja directamente contra o litoral da Inglaterra, pois os alemães estão fazendo grandes esforços por minarem as entradas para os portos ingleses, esforços que aliás não têm sido bem sucedidos. Cercar as Ilhas Britânicas com uma barreira de minas é um antigo sonho do alto comando alemão. O facto é que o movimento dos portos continua e os combóios ingleses, escoltados pela Armada, até no Canal da Mancha navegam.

Outra medida basilar da invasão, preconisada vezes sem conta em Berlim, era a destruição dos aeródromos ingleses. Sob a acção dos ataques alemães, estes deveriam ficar inutilizados, escavacados, crivados de bu-

racos de bombas. Novo insucesso, pois os campos de aviação, como os alemães sabem a seu custo, continuam a funcionar eficazmente, a-pesar-de terem sofrido alguns prejuízos, facilmente reparáveis.

Imaginemos que os alemães lançam um ataque de frente. Que prazer para a marinha inglesa cair a fundo sobre os transportes peçados de tropas e sobre os barcos de guerra que os escoltariam. Em nenhuma das regras desta guerra a marinha alemã revelou quaisquer qualidades notáveis.

Creio que os alemães não se poderão furtar às atenções da Armada Britânica, se atacarem a Inglaterra. Mas se o conseguirem fazer, têm ainda que tomar os portos, porque não podem desembarcar carros de assalto e artilharia pesada nas praias. Ora, em face das fortificações inglesas não me parece que consigam capturar essas bases. Mas digamos que os tomem. Seria então mister conservar desimpedidas as linhas de comunicação e de abastecimento, de enorme movimento, visto os alemães não poderem tentar uma invasão em forma sem pelo menos dois milhões de homens. A meu ver, nem com quatro milhões seriam bem sucedidos.

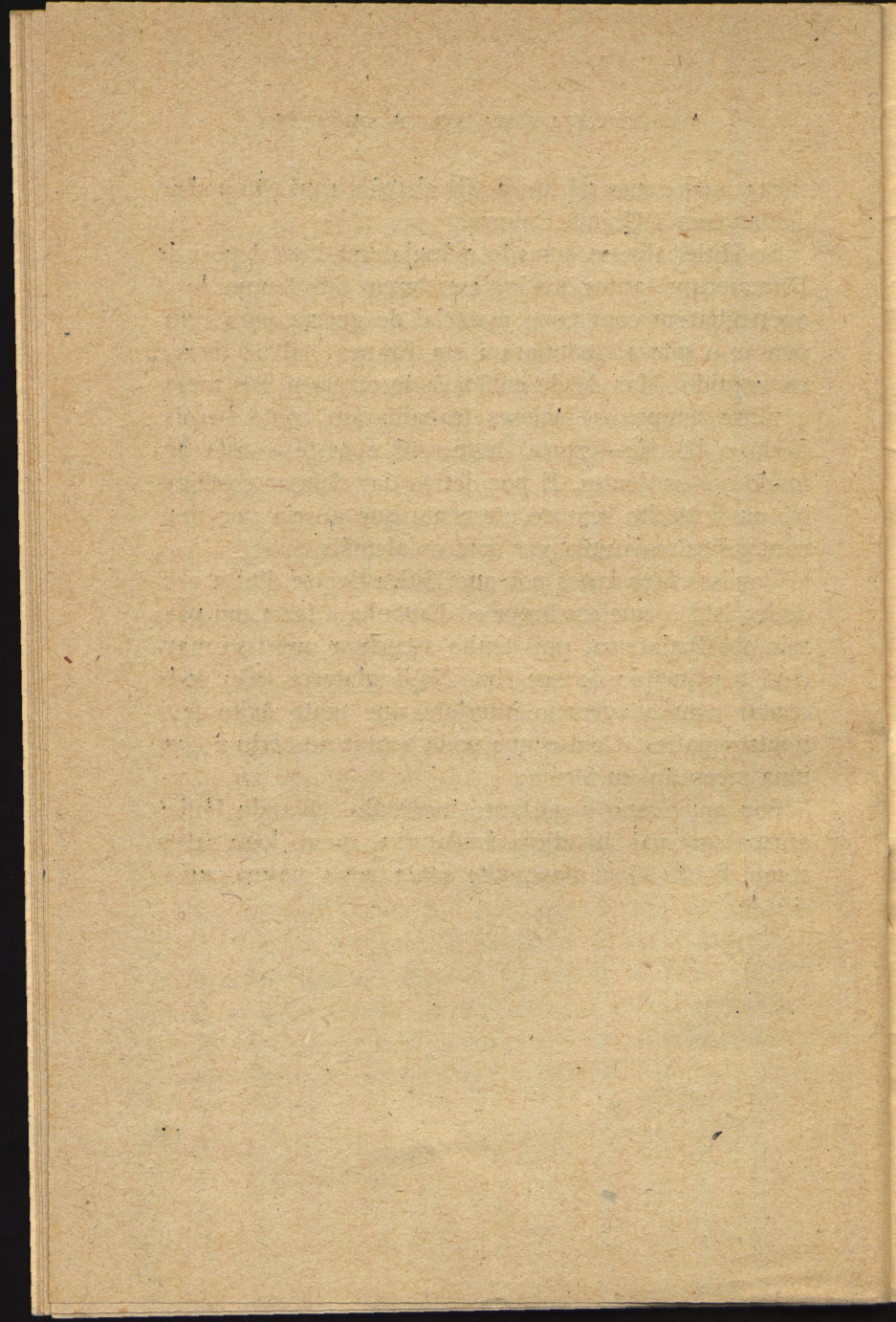
Como é que Hitler vai transportar para Inglaterra dois a quatro milhões de soldados é uma incógnita. A marinha inglesa defende os mares, a Real Fôrça Aérea guarda os ares. Já lembrei que a Inglaterra não é como Jericó; as suas defesas não vão abaixo só com o troar da propaganda. Nem é tampouco como a No-

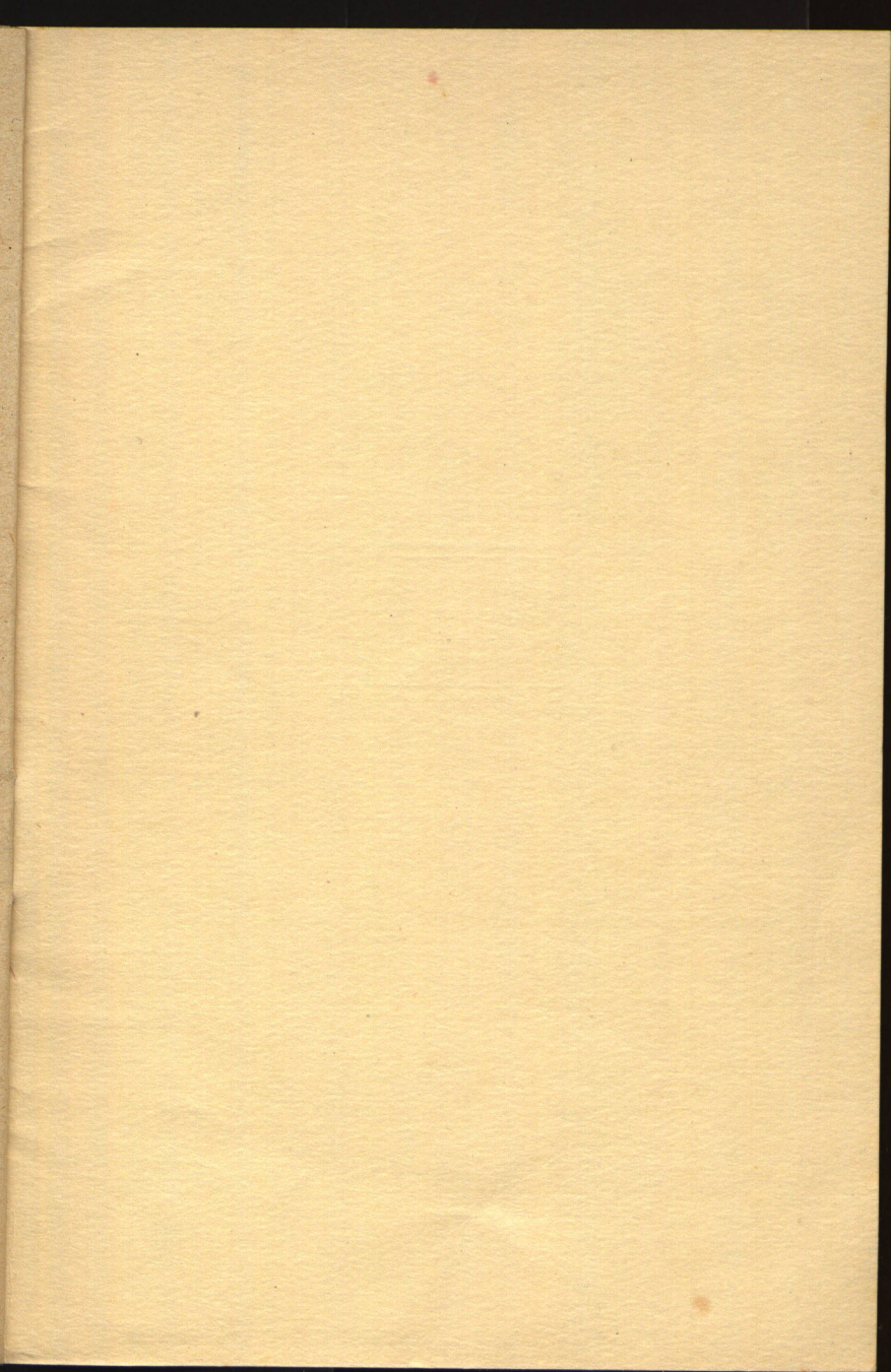
ruega, nem como a França. Os alemães aqui não podem contar com a Quinta Coluna!

Se Hitler tivesse atacado a Inglaterra logo depois de Dunquerque, antes dos ingleses terem tido tempo de se apetrecharem com novo material de guerra para compensar o que abandonaram em França, talvez tivesse conseguido. Mas desde então já decorreram três meses e nêsse tempo os ingleses trabalharam como heróis. Todo o litoral — norte, leste, sul e oeste — está armado até os dentes. E por detrás das defesas costeiras há um exército sempre crescente que anseia por tirar conclusões mais uma vez com os alemães.

Por isso faço votos por que Hitler tivesse dito a verdade; isto é, que em breve se disponha a fazer um passeio até Inglaterra, pois tenho a certeza que isso marcará o princípio do seu fim. Na Inglaterra, não pode contar com o «veneno interior» que tanto êxito teve noutros países. Com o que pode contar ao certo é com uma recepção em forma.

Sou americano e portanto incrédulo. Quando Hitler afirma que vai invadir a Inglaterra, quero logo saber como. E não só eu mas muita gente tem a mesma curiosidade.





COMPOSTO E IMPRESSO NO
CENTRO TIP. COLONIAL
L. RAFAEL BORDALO PINHEI-
RO, 27, 28 E 29 — LISBOA

Preço : 1\$00